

MEMÓRIA E IDENTIDADE NEGRA DE PELOTAS: O RACISMO NO FUTEBOL NO PÓS-ABOLIÇÃO A PARTIR DE RELATOS ORAIS

SILVA, GABRIEL RIBEIRO DA¹; SILVA, JULIA VANESSA ANDRADE DA²; RUBERT, ROSANE APARECIDA³

¹Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – gabrielisribeiro@yahoo.com.br

²Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – julia.silva@ibiruba.ifrs.edu.br

³Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – rosru@uol.com.br

1. INTRODUÇÃO

O presente resumo tem a pretensão de mostrar os trabalhos realizados que envolvem memória e identidade no projeto de extensão "Assessoria ao Clube Social Negro Fica Ahí Pra Ir Dizendo no seu processo de transformação em Centro de Cultura Afro-brasileira". O projeto tem, dentre outros objetivos, a intenção de constituir um acervo de memória oral sobre a presença negra em Pelotas e região nas dependências do clube. Este trabalho explora as potencialidades de parte deste acervo, que está em processo de formação, para a compreensão das relações étnico-raciais na cidade nos mais diversos âmbitos da vida social.

O foco aqui pretendido é reconstituir uma memória e identidade negra da cidade de Pelotas, fazendo um recorte temporal no pós-abolição, onde a cultura afrodescendente era menosprezada e silenciada. A discriminação e segregação de negros em clubes de futebol pelotenses é o fenômeno em destaque, assim como a resistência e as estratégias dos afrodescendentes para se inserirem nestes espaços.

O autor RIGO (2004) afirma que o primeiro clube futebolista negro foi formado em Pelotas em 1919, com o objetivo de contrapor os outros já existentes, que aqreçavam apenas rapazes brancos e de classe elitizada. Para haver uma ascensão e um fim da dicotomia racial, negros e pobres começaram a disputar, a partir da tal data, com clubes futebolistas brancos e elitizados, desse modo, conseguindo seus espaços em aqremiações de renome. A presença afro no grande cenário futebolista pelotense se fortaleceu em meados dos anos 1930, mas é registrada segregação e discriminação racial em pequenos espaços sociais, dando margem a criação de clubes futebolistas próprios para negros em bairros da cidade:

Em depoimento concedido ao jornal Diário da Manhã, Seu Jorge, um dos doze fundadores do clube, salientou que o mesmo fora fundado em 1944, como uma 'alternativa dos negros do bairro, que eram barrados no clube, em atividade na época.' (RIGO, 2004, p. 155)

As mais diversas discriminações e detalhadas informações sobre a presença negra é reconstruída através do ato de lembrar, que é descrita por CANDAU (2011) como memória propriamente dita ou de alto nível, que é feita igualmente de esquecimento e extensões artificiais que derivam do fenômeno geral de expansão da memória.

2. METODOLOGIA

Segundo SANTOS; RUBERT (2014), "utilizar-se das reminiscências é um recurso indispensável para a composição do núcleo de memória do Clube Cultural

Fica Ahi pra ir Dizendo”, desenvolvendo então o projeto de acervo de documentação oral do clube, uma vez que:

acrescentados à documentação existente, por meio destes relatos orais, o Clube, assim como outras organizações, manifestações e personagens afrodescendentes da cidade e região ganham forma, musicalidade, profissões, tonalidades e intensidades diversas. (SANTOS; RUBERT, 2014, p. 106)

O projeto focou, em um momento anterior, a realização de entrevistas orais com membros e ex-membros do clube Fica Ahi. Neste momento os autores deste trabalho se dedicam à transcrição das entrevistas ligadas especificamente a memória do negro no futebol pelotense. Duas entrevistas realizadas com ex-jogadores de futebol negros de clubes pelotenses e sócios do Fica Ahi já foram transcritas, dos senhores Oswaldo Marcelino Alves Rodrigues e Antônio Viseu Candiota. As entrevistas então, serão armazenadas junto às demais existentes, onde serão catalogadas e separadas por sua temática, sendo futuramente disponibilizadas à comunidade negra no acervo de documentação oral do clube.

Deste modo a reconstituição da memória apontando a veracidade dos documentos escritos, ou a escrita concordando com a memória vem a mostrar que

[...] a história oral é legítima como fonte porque não induz a mais erros do que outras fontes documentais e históricas [...] na história oral a versão representa a ideologia em movimento e tem a particularidade, não necessariamente, de 'reconstruir' e totalizar, reinterpretar o fato (ALBERTI, 2005, p. 13-14).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Baseado nas entrevistas transcritas com dois ex-jogadores de futebol negros, que viveram na pós-abolição, e nas informações escritas por RIGO (2011) sobre a situação dos negros nos clubes futebolistas pelotenses, observa-se que a situação dos afrodescendentes era diferente em cada agremiação:

A postura bastante divergente assumida pelas duas principais equipes da cidade perante a aceitação ou não de jogadores negros fez com que se acirrasse ainda mais a rivalidade que já vigorava entre G. E. Brasil e E. C. Pelotas, que passou a expressar-se no seguinte slogan: 'Negrinhos da estação versus fidalgos da avenida'. (RIGO, 2004, p. 154)

O ex-jogador do G. E. Brasil e entrevistado confirma essas informações que o E. C. Pelotas não aceitava jogadores negros:

Inclusive o Pelotas foi isso aí, teve muitos anos, raça não jogava no Pelotas [...] O Pelotas não, por melhor que eu fosse na época, o Pelotas não contratava. Negrão não... (Sr. Antônio Viseu Candiota, entrevista realizada em 4 de outubro de 2014).

Entretanto apesar de a situação ser diferente em cada agremiação, a situação geral dos negros no futebol brasileiro apresenta semelhanças, principalmente em

relação ao racismo. Uma vez que o futebol brasileiro teve sua base fixada na elite, a popularização deste esporte levou tempo e até mesmo depois de sua notoriedade, as características da elite se mantiveram. Era caracterizado, portanto, a não contratação de negros; como ocorreu no time Grêmio Porto Alegrense, que manteve uma política de não incorporar negros ao seu time até a década de 1940 (LOPES 2004).

Entretanto o futebol também foi significativo para a ascensão dos negros socialmente. O relato da esposa do SR. Oswaldo, Marlei, pode corroborar esta avaliação, de que o futebol poderia ser considerado um meio de ascensão:

O Fica Ahí era a elite né, no Fica Ahí era professor, era advogado, todo mundo tinha q ser sócio...mulher divorciada não entrava. Sabe aquela coisa que tinha de antigamente. E como ele era jogador de futebol, e tinha nome, em seguida convidaram ele.

(Marlei Rodrigues em entrevista do senhor Oswaldo Rodrigues, realizada em 2014)

4. CONCLUSÕES

Ao transcrever as entrevistas realizadas com os ex-jogadores e ex-membros do clube cultural negro Fica Ahi Pra Ir Dizendo, constatamos através da história oral e direito a memória que o momento da pós-abolição não foi de uma inserção absoluta do sujeito negro na sociedade em geral, mas inseriu uma pequena parte desse grupo de forma individualizada e simbólica. Os protagonistas negros, apesar de ascenderem socialmente ao abdicarem do cargo de jogadores de futebol, não ficaram imunes ao racismo, mas sentiram-o amenizado. Nos relatos orais são registradas informações de segregação racial em espaços públicos na cidade de Pelotas no momento do pós-abolição. Discriminação esta que poderia ser amenizada com um ascendimento social. Um dos ex-jogadores relata o fato:

[...] eu me lembro de quando eu iniciei, o Aquário, sabe o Aquário, né? O Aquário, o cafezinho, entrar negro ali... [...] Deus o livre, só depois nós, com certa cultura, certo nome que podia entrar ali. Não entrava. Chegava ali pra comprar a entrada ali... Deus o livre, "não te enxerga, que que tu quer aqui?" (Sr. Antônio Viseu Candiota, entrevista realizada em 4 de outubro de 2014).

A importância dos esforços metodológicos e teóricos aqui apresentados visam mostrar relatos que foram silenciados ao decorrer da História e que podem colaborar para a formação de uma identidade negra pelotense, bem como arraigar a permanência de uma memória de resistência e luta contra o racismo. A história da população negra de Pelotas e região deve ser preservada e protagonizada pelos seus próprios sujeitos, sendo esse um dos objetivos da constituição de um acervo de memória oral no clube cultural negro Fica Ahi Pra Ir Dizendo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, V. **Manual de História Oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.
CANDAU, J. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

LOPES, J. S. L. Classe, etnicidade e cor na formação do futebol brasileiro. In: **Cultura de classe: identidade e diversidade na formação do operariado**; org. Claudio H. M. Batalha, Fernando Teixeira da Silva, Alexandre Fortes. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.

RIGO, L. C. **Memórias de um futebol de fronteira**. Pelotas: Editora Universitária UFPel, 2004.

SANTOS, M. C. A.; RUBERT, R. A. Constituição de um acervo de relatos orais para a formação de um centro de cultura do clube cultural "Fica Ahí Para Ir Dizendo". In: **CONGRESSO DE EXTENSÃO E CULTURA DA UFPEL**; org. Francisca Ferreira Michelin, João Fernando Igansi Nunes, Denise Marcos Bussoletti. **Anais...** Pelotas: Ed. da UFPel, 2015. p. 105-107.